◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2023

ANO 8 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BRUNA MORGAN LAPENTA

Um espaço de cultura e negócio para todos

Com expositores, shows e atividades, Feira do Coletivo fomenta a diversidade e os pequenos empreendedores

Repórter: Diana Japur e Guilherme Roque

Bruna Lapenta, produtora cultural, traz a Ribeirão Preto seu projeto de feiras culturais ao ar livre, denominado "Feira do Coletivo". Fomentando a diversidade cultural da região, o projeto rompe o estigma de difícil acesso à cultura, diversidade e entretenimento de forma democrática e autêntica. A Feira do Coletivo proporciona o contato com diferentes manifestações artísticas e o fortalecimento de pequenos empreendedores de segmentos como artesanato, música, moda, gastronomia, entretenimento infantil e atividades interativas. Com temáticas como gerência de projetos culturais e curadoria, a entrevistada mostra como o desenvolvimento de eventos e feiras na região já é uma realidade.

MURAL ENTREVISTA – Quem é a Bruna para além da sua profissão?
BRUNA LAPENTA– Eu sou a Bruna Morgan Lapenta, nascida em Ribeirão Preto, me mudei aos seis anos com os meus pais para São Paulo, morei trinta anos por lá e estou aqui há seis, não sabia o porquê, mas quando criança sabia que voltaria pra cá. Sou produtora cultural, entusiasta e multi potencial. Formei em veterinária, trabalhei com alimentos e comportamento canino e já tive uma loja de decoração. Eu sou autodidata em absolutamente tudo que faço, apaixonada por yoga, cachorros, amo cozinhar e sou extremamente sentimental, espiritualizada e comunicativa. Quero aprender e conhecer mais o mundo.

Como foi o processo para se entender como produtora cultural?
Tenho algo gigantesco no meu trabalho, não faço sem querer, realmente amo e acho fod*. Eu me entendo como Produtora Cultural porque me enxergo como agente de transformação. Estou fazendo um negócio por mim e não para mim, é para todos. Eu acredito que somos responsáveis pelos lugares em que vivemos, se não abraçamos nossa pequena responsabilidade coletiva no cenário em que estamos, o que fazemos então? Eu faço parte, foi aí que me entendi como agente transformador e, por consequência, um canal cultural.

Como foi feita a criação da Feira do Coletivo? O que te despertou?
Foi numa conversa sobre o fato de não ter feiras culturais e possibilidades aqui e como o ribeirãopretano não explora isso, nesta hora me deu o click. Se sinto falta, eu vou fazer, comecei então a movimentar a Feira do Coletivo. Isso foi no final de junho e a primeira edição da feira em setembro de 2018. Escolhi um lugar estratégico, aberto e bem estético, a ideia sempre foi essa. Pensei em tudo, a primeira edição seria 100% gastronômica, já que o lugar não tinha comida, e isso vende. Fui atrás pelo boca a boca, mas rolou um preconceito, acabei cancelando a primeira edição porque não tinha ninguém. Fiz em setembro, lotou e não parei mais.

Tendo em vista que há preconceitos e receios em eventos que acontecem em ambientes públicos, como romper essa barreira segregadora e dar credibilidade ao seu evento?
Quando você está em um ambiente público essa barreira já foi quebrada, por exemplo, estava tendo recreação infanti e nitidamente você via que não tinha discriminação ou recorte social, estavam todas juntas, foi a coisa mais linda, é para todos. Na primeira edição foi muito marcante, tinha uma quantidade gigante de pessoas em situação de rua, eu não as tiro de lá, elas têm a autonomia de sair por conta da movimentação, mas não vão embora, eles pegam a cobertinha, papelão e se sentam para assistir aos shows, talvez eles nunca tenham conseguido absorver isso tão de perto. As pessoas precisam aprender a enxergar isso, elas existem e têm os mesmos direitos que nós. Já ouvi gente falando que tinha medo da praça, eu pude ressignificar e dar uma sensação de pertencimento para todos. É muito intuitivo, são coisas que aprendemos com a vida, é o nosso próprio "borogodó".

Como é o contato e a seleção das marcas e curadoria para a Feira do Coletivo?
A curadoria é difícil de explicar, é subjetiva, extremamente pessoal e intransferível, é o meu olhar e minhas amarrações de ideias, o que quero trazer naquela edição e seu contexto, onde será e quais serão as marcas. É importante olhar o produto e ver se tem qualidade, quanto mais autoral maior a probabilidade de estar presente. Hoje recebemos principalmente mulheres de até 55 anos, e elas levam toda a família. Então a Feira do Coletivo tem uma construção para todas as idades, estilos e classes. Para participar é necessário preencher um formulário com informações detalhadas, incluindo nome, marca, propósito e catálogo, juntamente com links para redes sociais.

Como é feita a divulgação e estratégias para atingir o público e quais adaptações precisam ser feitas?
Não quero soar arrogante, mas acho que a Feira do Coletivo é muito bem construída, não é só um evento ou experiência, mas uma família, os participantes se sentem acolhidos, então facilmente as pessoas convidam umas às outras e a divulgação é feita de forma orgânica. Acho que é muito do boca a boca, ela é bem independente, não tem suporte financeiro de ninguém além dos expositores que fazem o rateio para participar dela, são parcerias inteligentes e isso é muito importante. Cada pessoa que participa da Feira do Coletivo divulga. Então é uma rede que naturalmente acontece. Um dia eu pretendo ter assessoria, o meu clipping é bem baixo, já estivemos no EPTV, no Tribuna, mas nunca fui muito atrás disso. Nas próximas acredito que vou precisar.

Pensando que a Feira do Coletivo é uma oportunidade comercial para os outros (marcas, bandas, instituições) como torna isso rentável para quem organiza?
Eu falo que do mesmo jeito que ajudo marcas expositoras, elas também me ajudam. O Coletivo me permitiu descobrir minha capacidade, agora com maturidade, contatos e experiências, percebo potencial e crescimento dela. No início, não havia ganhos; depois, comecei a ter retornos proporcionais ao investimento e lucros. A taxa de inscrição cobre custos como música, recreação, estrutura e montagem, é uma estrutura gigantesca que eu ainda faço sem contratação externa. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO
Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO
Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)